

nada se destrói

Com essa idéia e munido de coragem e criatividade, o arq. paulista Oswaldo Bratke chegou, na década de 50, numa região desconhecida do país, o Território do Amapá, para ali projetar uma cidade de apoio à mineração de manganês, concedida à Icomi-Indústria e Comércio de Minérios S.A., que arrendou as jazidas.

Após 30 anos de implantados os dois núcleos habitacionais de Vila Serra do

Navio — em plena floresta e próximo às minas — e Vila Amazonas, ao lado do porto de embarque do minério, Bratke ainda é citado como exemplo pelos críticos aos projetos de cidade realizados na Amazônia. Um projeto que lhe garante o lugar entre os grandes nomes da arquitetura do país. Apesar de se referir humildemente ao seu trabalho: “Eu não fui um construtor importante. Construí porque não havia outro jeito”.



Habitado a projetar casas para uma clientela de “gente fina”, em São Paulo, e com prática de desenhar para terrenos em desnível, Bratke pensa que, assim como a casa, a “cidade não pode ser simplesmente plantada no lugar, mas deve brotar do chão”. Partiu então para visitar o local, onde nasceria a cidade projetada por ele.

distante da civilização

Como uma aventura inesquecível, o arquiteto narra o que viu, depois de uma demorada viagem ao interior do Amapá. As jazidas de manganês se localizavam na Serra do Navio, zona montanhosa do Território, cerca de 200 km de distância do porto de embarque de minérios, construído às margens do rio Amazonas, em sua confluência com Matapi.

A região acidentada e coberta por florestas tropicais de difícil acesso era conhecida somente ao longo das margens do rio, que constituía o único meio de comunicação existente, apesar de sua difícil navegação.

Isoladas na selva amazônica, numa área coberta por mata espessa, de tonalidade pouco variada mas com grande número de espécies e onde as chuvas abundantes atingem uma taxa média anual de 2.000 mm, as jazidas estavam distantes de qualquer concentração urbana que servisse de apoio.

O último ponto de civilização, Macapá, distava mais de 200 km, lembra Bratke que, de cara, percebeu a necessidade de projetar uma cidade ou “um corpo perfeito e integrado que atendesse todas as exigências e demandas da população que seria transferida para o local”. Concebia, pois, um aglomerado urbano com vida própria e que, no futuro, após esgotadas as atividades de mineração, “não deveria ser deixado às traças”. Assim, seria embrião de uma nova cidade brasileira que pudesse sediar novas atividades pecuárias, agrícolas ou industriais.

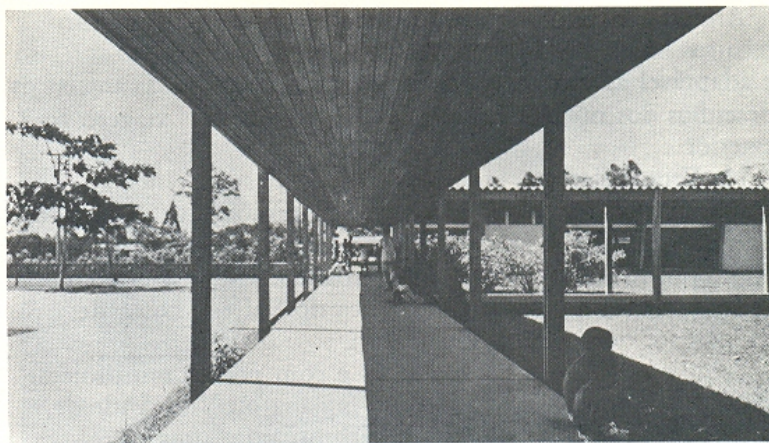
Enquanto percorria a região, anotando suas características, Bratke percebeu os problemas que enfrentaria. As matas, por exemplo, estavam fartas de espécies, mas o baixo teor de fosfatos e carbonatos no solo dificultava a exploração de suas madeiras para construção. Já as sistemáticas enchentes tornavam arriscado o uso das margens dos rios para qualquer tipo de implantação urbana.

Em suas andanças, observou ainda o modo de vida simples do caboclo. Um homem que exercia suas atividades em função da sua única estrada: os cursos d'água. “O ubá, pequeno barco, era sua montaria”, explica.

Vivendo em regime nômade e da exploração dos produtos nativos da floresta, o caboclo levantava em qualquer parte sua habitação: três peças, com uma varanda aberta onde dormia a família em redes, outra varanda para cozinhar e comer e uma terceira fechada, destinada ao casal e seus bens.

Nessas condições, a higiene era a mais primitiva que se pode imaginar. Não se usava nem poço negro e a alimentação baseada no jabá (carne seca) e farinha de mandioca se preparava num fogão original: uma torta de barro sobre taboa. A água para beber vinha dos rios, decantada em bilhas.

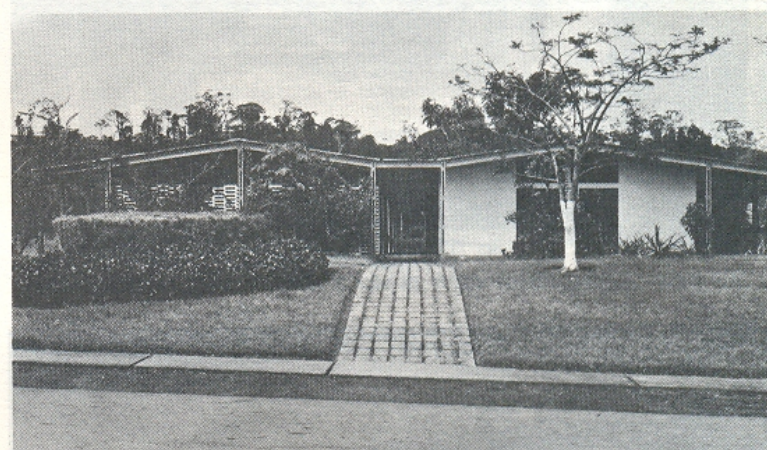
A pesquisa empreendida por Bratke se preocupou não só em atender às necessidades locais de bem-estar como minorar falhas que pudessem determinar o mau êxito da obra a ser iniciada, além de criar condições à atração e retenção de empregados de diversas categorias vindos de várias regiões do país.



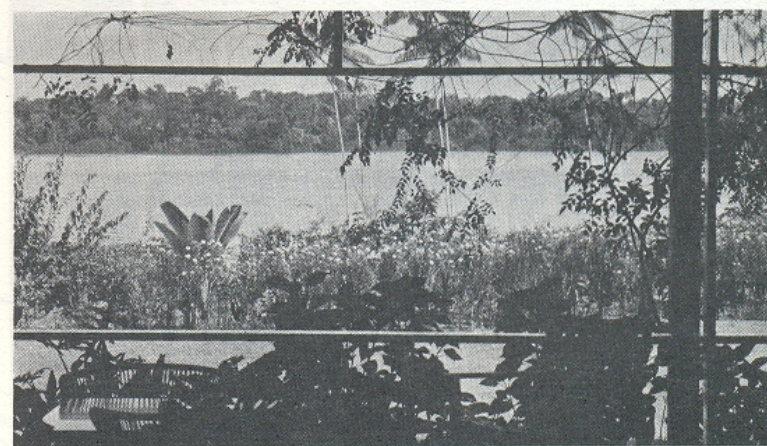
passagens cobertas, exigência climática



uma experiência de casa ecológica



conjunto habitacional para solteiros



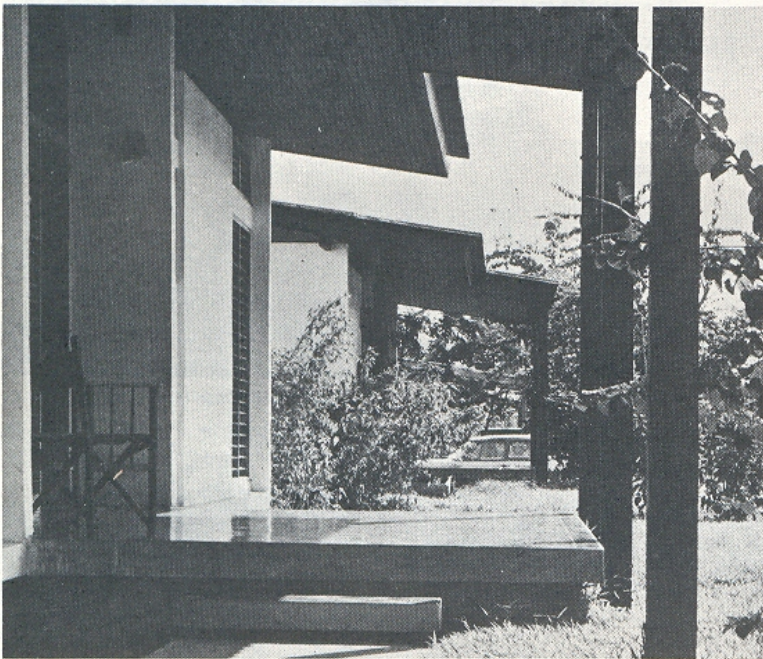
interiores claros, sinônimo de calor

Testemunho

Argumentando que o projeto para zonas distantes, sem recursos ou tradição de construção, deve ser completo, preciso e adaptável às condições locais, o arquiteto antes de iniciar os desenhos dos núcleos habitacionais fez inúmeras viagens ao exterior.

Na Venezuela, por exemplo, visitou vilas congêneres anotando suas qualidades, defeitos e opiniões dos moradores pois as regiões que percorreu eram semelhantes às do Território do Amapá, onde iria trabalhar. Esteve ainda em minerações do Caribe e da América do Sul em busca de dados para desenvolver seu projeto.

Estudioso das relações humanas e com prática em projetar vários bairros paulistas como Vila Suzana ou Vila Andrade, Bratke garante que “não foi difícil implantar uma comunidade autônoma num lugar ermo”. Assim, acrescentou o urbanismo ao seu diploma de engenheiro-arquiteto, formado pelo Mackenzie.



embasamentos recuados: combate aos fungos



centro de compras, um passeio pela sombra

sem imposições

A distância de 200 km entre a mina e o porto de embarque do minério tornou necessária a implantação de agrupamentos urbanos: Vila Serra do Navio e Vila Amazônica, próxima ao porto que poderia se aproveitar de “certas facilidades da capital”. A primeira, segundo o arquiteto deveria contar com todos os atendimentos de uma cidade muito maior porte, como os serviços necessários para uma comunidade independente.

Ao lembrar que os clientes deram inteira liberdade de planejamento, Bratke diz “nesse ponto, fui muito feliz, porque eles não queriam um acampamento e, como bom brasileiro queria uma cidade exemplar”.

Em cada uma das vilas, o arquiteto propôs a construção de duas categorias de habitação, divididas entre dois setores, um deles destinado aos dirigentes e outro para os operários. Ele responde às críticas de que seu projeto é discriminatório, apresentando suas razões. Segundo explica, nos trabalhos de mineração existem três categorias de empregados, “os braçais, os habilitados e os técnicos, e os dirigentes”.

Os trabalhadores braçais, de acordo com Bratke, vinham das zonas pobres. “Ele se sente promovido pela segurança que o local de trabalho oferece. Ele vai se estabelecer, criar raízes, vai dar origem a uma comunidade. Os habilitados e os técnicos recrutados em outros locais têm posições transitórias pois a eficiência de seu trabalho os leva a serem promovidos em outros departamentos.”

Em geral, explica, esses funcionários só aceitam emprego em lugares afastados, com boa remuneração e conforto para a família. Segundo o arquiteto, essas cidades, de início, são fechadas para que se imponha a disciplina necessária à estabilidade comunitária.

Por ocasião da abertura da cidade, continua, a empresa vende as casas dos trabalhadores a eles mesmos que podem transferir a terceiros. “Essa é uma das razões da chamada discriminação embora nunca tenha recebido queixas dos empregados”, finaliza.

No projeto urbanístico, o arquiteto levou em consideração a importância de seus moradores. Assim, a direção da cidade que está entregue a um gerente, deve ser acompanhada por um conselho de representantes que é ouvido e opina sobre os problemas a serem resolvidos”.

No projeto, Bratke adotou vias de distribuição que envolvem as superquadras, e na medida do possível separa o tráfego de pedestres do mecânico. Já os edifícios foram orientados no sentido leste-oeste; utilizou avanços e recuos e alinhamento das unidades habitacionais para criar espaços íntimos e agradáveis, sugerindo praças de encontro para adultos e recreação para crianças.

As pequenas praças resultantes são ligadas entre si por passagens de pedestres e servem de meios de comunicação entre as residências e os equipamentos urbanos da vila, eliminando-se cercas e divisórias entre as habitações para criar a sensação de espaços maiores.

duas vilas

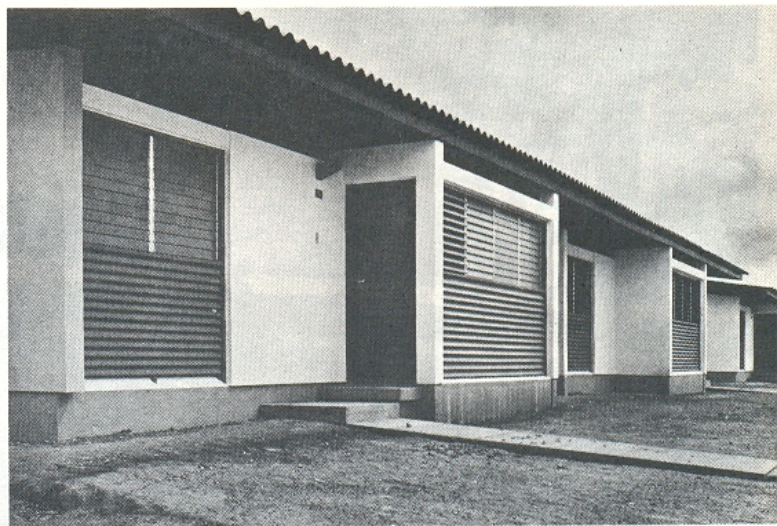
A Vila Serra do Navio, implantada junto às minas, foi construída para uma população de 2.500 habitantes, entre eles empregados operários e chefes com suas famílias e outras pessoas indiretamente ligadas à Icomi.



telas na proteção ambiental

Na implantação, designou uma zona habitacional operária a oeste bastante concentrada, circundando a área destinada à escola, centro de saúde, centro de compras e os demais equipamentos urbanos. As residências para os solteiros se localizam nas proximidades dos equipamentos urbanos e foram isoladas das habitações unifamiliares dos operários.

A leste, aparece a área residencial para os dirigentes e chefes, definida e colocada em torno do clube e do hotel; à meia distância, entre as áreas habitacionais principais, está uma zona para esportes.



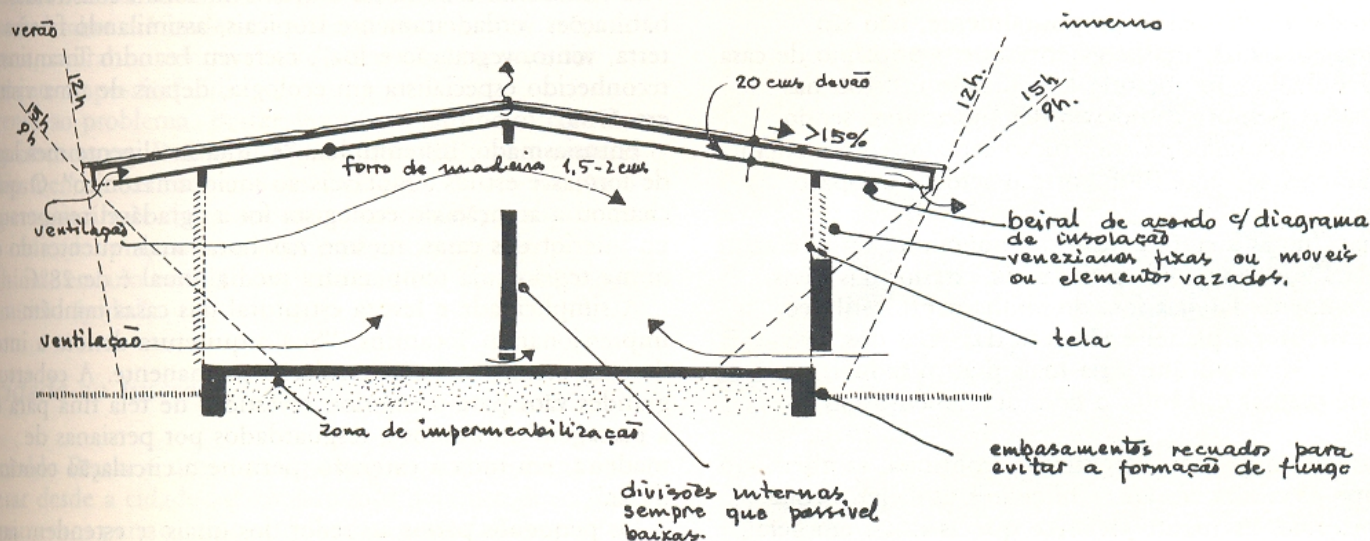
casas operárias geminadas

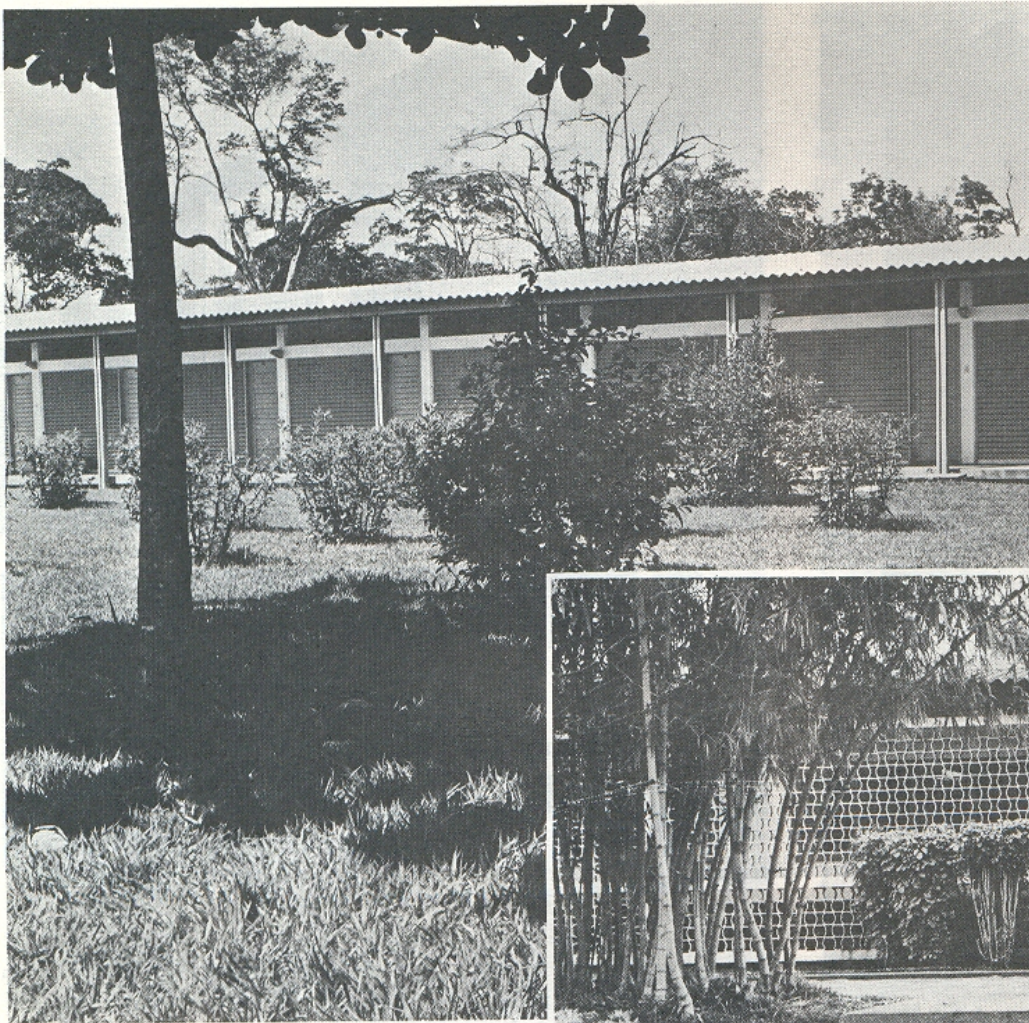
A Vila Amazonas, próxima ao Porto de Santana, destinada a abrigar uma população de 2.500 pessoas e que dez anos depois de instalada já contava com o dobro da população, seguiu a mesma orientação de Serra do Navio. A planta, esclarece o arquiteto, já indicava um plano de expansão do seu núcleo habitacional, prevendo duas novas unidades de vizinhança, situadas a sudoeste.

Segundo ele, a conformação do terreno, o clima e a estética são fatores determinantes na proporção entre espaço construído e espaço livre. Dessa forma, a disposição dos prédios se deu de forma a estimular o maior tempo possível de vida na praça.

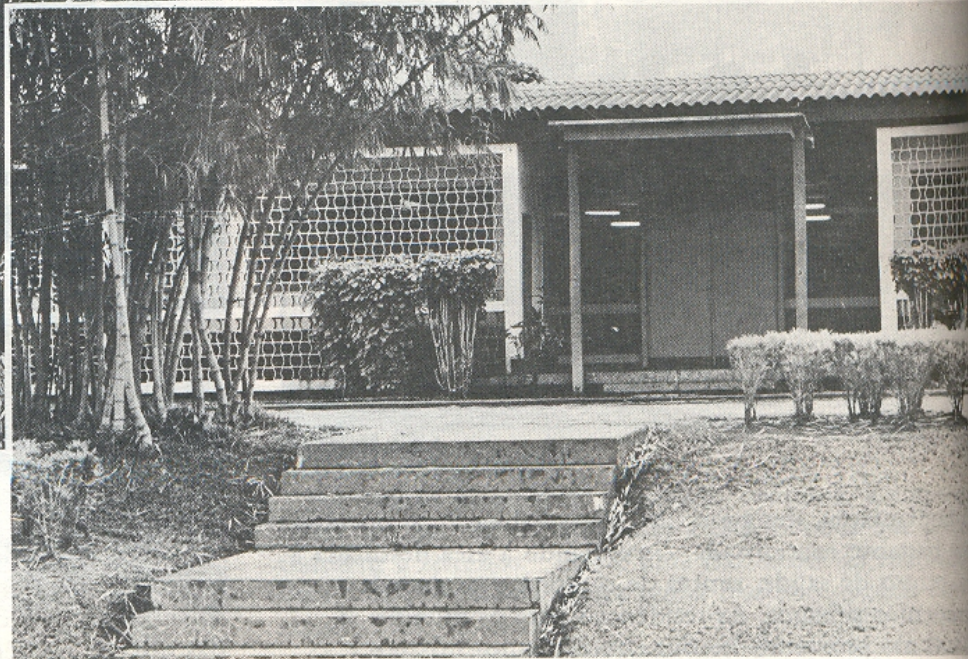
Com objetivo de patrocinar espaços de convívio social e facilitar a vida dos habitantes das vilas, o arquiteto localizou os equipamentos coletivos a uma distância inferior a 500 m das diversas residências. O hospital, porém, está situado em local isolado e ventilado e conta com uma grande área de proteção à sua volta.

As habitações destinadas aos operários formam numa verdadeira unidade de vizinhança, numa disposição que circunda o centro do núcleo onde estão os





beirais grandes, elementos vazados, persianas de madeira garantindo a boa ventilação



equipamentos urbanos. O núcleo habitacional é envolvido por uma via de tráfego rápido para veículos que por meio das vias locais podem atingir todas as residências.

O arquiteto explica que essas vias, de forma não convencional, possuem, larguras diversas; acompanham a localização das residências e, propositalmente, não são rigidamente alinhadas. Bratke garante que o princípio de casa operária geminada sem abertura lateral, que utilizou nas vilas, é prático, permite o convívio dos moradores, sendo relativamente econômica na construção e manutenção. Além de contribuir para o equilíbrio entre o verde e o espaço construído.

Para criar “notas alegres dentro da monotonia verde e azul da paisagem”, utilizou cores variadas no exterior das casas, como nas empenas laterais fora do alinhamento retilíneo. Depois de debater a planta e elevação das casas dos trabalhadores, concluiu que seria mais prático reduzir as variações de plantas e manter o bom acabamento nas residências.

As casas para o pessoal categorizado, continua, também são de dois tipos, embora em áreas diferentes, isoladas e com acabamento fino. Enquanto esclarece que as casas, em geral,

divergem entre si pelo tamanho, maior número de peças e acabamento, possuem, no entanto, um traço comum quando às condições de habitabilidade, ventilação e higiene.

“Está em andamento uma experiência de casa ecológica em Vila Amazonas e Serra do Navio. Ali, foram construídas habitações verdadeiramente tropicais, assimilando fatores de terra, vento, vegetação e luz”, escreveu Leandro Tocantins, reconhecido especialista em ecologia, depois de uma visita em 1965.

Entusiasmado, testemunha, “é uma inteligente mesclagem de formas e estilos adaptáveis ao meio amazônico”. O que chamou a atenção do ecologista foi a agradável temperatura no interior das casas, mesmo nas horas mais quentes do dia numa região cuja temperatura média anual é de 28°C.

A simplicidade e leveza estrutural das casas também impressionaram Tocantins. “Sua arquitetura denota a intenção de criar condições para ventilação permanente. A cobertura com grandes vãos para o exterior, revestidos de tela fina para a passagem de insetos e resguardados por persianas de madeira, em toda a extensão, permite a circulação contínua de ar.”

Os pequenos pátios ao redor dos quais se estendem jardeiros